

CARACTERÍSTICAS DA OLERICULTURA CASEIRA
NO PERÍMETRO URBANO DA CIDADE DE SANTIAGO - RS

* Marilú Angela Campagner May

** Vera Maria Favila Miorin

INTRODUÇÃO

As atividades agrícolas, quando destinadas ao mercado consumidor, procurando abastecer o consumo imediato da população, apresentam-se espacialmente definidas no conjunto das atividades organizadas no espaço.

O abastecimento imediato de uma população se realiza através de produtos hortigranjeiros, os quais são definidos por VOLPI (1980:81) como sendo:

"...os produtos gerados nas atividades de olericultura, fruticultura e criação de aves e pequenos animais, de uma maneira menos científica, mas de maior operatividade".

Os produtos olerícolas, frutícolas, assim como os ovos e as flores, possuem definições e características próprias. Assim:

- **Produtos Olerícolas** - são considerados as verdu -

* Geógrafa pela UFSM (Santa Maria/RS), professora da FAFIS - FESAN (Santiago/RS).

** Orientadora - Departamento de Geociências(UFSM-Santa Maria/RS)

ras, os legumes, as raízes, os tubérculos e cereais cultivados, em geral, em hortas. Entre eles, estão:

abóbora	beterraba	espinafre	pimenta
abobrinha	brócolo	funcho	pimentão
acelga	cebola	grelo	quiabo
agrião	cenoura	manjerona	rabanete
aipim	chicória	milho-pipoca	radite
alho	chuchu	milho-verde	repolho
alface	couve	morango	rúcula
amendoim	couve-flor	mostarda	tempero-verde
batata-inglesa	ervilha	nabo	tomate
berinjela	escarola	pepino	vagem

- **Produtos Frutícolas** - são consideradas as frutas, cultivadas, em geral, em forma de pomares, tais como:

abacaxi	goiaba	mangá	nêspera
abacate	jabuticaba	maracujá	pêra
ameixa	jaca	marmelo	pêssego
banana	laranja	melancia	pinha
bergamota	lima	melão	pinhão
caqui	limão	murgota	uva
coco	maçã	moranguinho	
figo	mamão	nectarina	

Além desses, aparecem a produção de ovos e o cultivo de flores.

Consideram-se, portanto, do tipo hortigranjeiro os produtos gerados nas atividades de olericultura e fruticultura.

A criação de aves e de pequenos animais, chamada de

criação doméstica, é englobada na produção hortigranjeira. Desse modo, na criação doméstica, incluem-se:

- galinhas
- porcos
- patos
- gado leiteiro

As atividades de olericultura, fruticultura e criação costumam ser discriminadas nas unidades político-administrativas com estrutura econômica organizada e possuidoras de certo grau de desenvolvimento e complexidade nas relações.

Ao redor das comunidades urbanas e, portanto, perto do mercado consumidor, situa-se uma área especializada na produção de hortigranjeiros. Isso acontece devido à perecibilidade dos produtos e, também, para evitar o custo do transporte.

Porém, com a valorização da terra urbana e a aceleração do processo de urbanização a exigir a divisão das terras, as comunidades agrícolas que compõem essas áreas especializadas encaram suas atividades agrícolas como sendo antieconômicas.

A reflexão dessas questões tem trazido muitos estudos para o meio do problema, na busca de definições dos espaços ocupados por atividade. As análises desenvolvidas partem tanto de especialistas em estudos urbanos, como dos que se voltam aos estudos rurais.

Para BEAUJEAU-GARNIER e CHABOT (1970), esses produtos costumam ser desenvolvidos em áreas próximas a um centro urbano, denominadas pelos autores de "Áreas Subur-

banas Hortícolas". Tais áreas existem, pois, com a finalidade de abastecer os habitantes urbanos de frutas e verduras frescas, as quais exigem um transporte rápido e de baixo custo.

Os autores consideram também que essas áreas fazem parte da paisagem urbana, pois, em todos os países, as "hortas" assinalam ao viajante a proximidade da cidade.

Salienta-se que, no caso de município de Santiago, as particularidades descritas acima são pouco reconhecidas, pois a quase totalidade da produção hortigranjeira comercializada não é proveniente do espaço santiaguense, uma vez que é restrito o número de produtores, na zona rural, dedicados à ocupação hortigranjeira e localizados na "Área Suburbana Hortícola" ou "franja" campo-cidade. Como justificativa desse fato, deve-se considerar que a falta de estradas e de preços compensadores para a venda de produtos no mercado citadino são fatores desestimulantes da produção na Área Suburbana.

A produção hortigranjeira da zona rural municipal desenvolve-se nas localidades de Batalhão Velho, Viaduto, Paraíso, Vila Branca, Vila Betânia, bem como nas proximidades do aeroporto local, e nos distritos de Boa Vista e Cerca de Pedra. Essas localidades representam espaços onde o "embrião" hortigranjeiro municipal está se formando.

Nessas condições, fica difícil considerar, pela observação espacial da produção rural, que essa produção esteja caracterizando a atividade hortigranjeira periférica à zona urbana. Por outro lado, muitos são os casos em que a atividade se localiza na chamada faixa de transição entre as zonas

rural e urbana, ou seja, avançando sobre aquilo que se denomina de zona urbana.

Na faixa rururbana, misturam-se as características urbanas e rurais, podendo ser identificados, aí, os grupos mais urbanos, através da vida social que apresentam, por suas profissões e atitudes. Por outro lado, a utilização de certos tipos de solo pode dar uma falsa impressão rural; são os solos onde se encontram o aeroporto, as escolas, os cemitérios, os hospitais e residências de luxo retiradas e junto às quais se localizam atividades tipicamente rurais, produtoras de verduras e frutas e de criação doméstica. Em Santiago, há também a presença da horta do Presídio local, situada na faixa rururbana, que possui o caráter de atividade hortícola.

Em muitas cidades, consideradas de pequeno porte pelo baixo número de sua população, pela relatividade das atividades urbanas e pela forma das relações sócio-econômicas, os hortigranjeiros não se produzem em uma faixa determinada; ocorrem em menor quantidade e diversidade e de maneira desordenada no que se refere às faixas de ocupação. É comum, nos quintais das moradias urbanas a presença de hortas e pomares e a criação de porcos e aves.

O desenvolvimento dessas atividades pelo cidadão gera um auto-abastecimento, uma economia nas despesas com alimentação, o alcance de alimentos frescos e uma utilização mais racional dos terrenos urbanos. Por outro lado, retarda o processo de formação da comercialização hortigranjeira local com diversidade da produção.

A ocorrência das culturas no centro urbano tem como

fator essencial da organização espacial um custo de transporte dos produtos que abastecem a população igual a zero.

No perímetro urbano do município de Santiago, há um número significativo de hortas caseiras que abastecem a própria família e a vizinhança. As hortas caseiras estariam desempenhando importante papel no abastecimento da população. Elas chegam a determinar quais os produtos que podem ser comprado e vendidos no mercado olerícola e frutícola.

Desse modo, a área situada dentro do perímetro urbano, no município de Santiago, dada a importância que a existência de hortas caseiras possui no abastecimento local, assume importante papel no quadro da produção. Não podem ser desprezados os estudos de localização de áreas de produção e consumo hortigranjeiros.

A maior relevância dos estudos dos hortigranjeiros deve ser dada à questão das hortas caseiras existentes nos vários setores do perímetro urbano de Santiago.

CARACTERÍSTICAS DA OLERICULTURA CASEIRA NO PERÍMETRO URBANO DE SANTIAGO

O conhecimento das relações existentes entre a zona de produção e a de consumo dos produtos que fazem parte da mesa diária da população santiaguense, foi devido a uma investigação amostral de campo, dirigida ao comerciante e ao consumidor, bem como à análise sobre a dinâmica

do crescimento urbano da cidade nos últimos decênios. Desse modo, foi estabelecido o perfil do abastecimento de hortigranjeiros no Município, já que eram muito escassos os recursos bibliográficos capazes de permitir a análise a respeito do assunto.

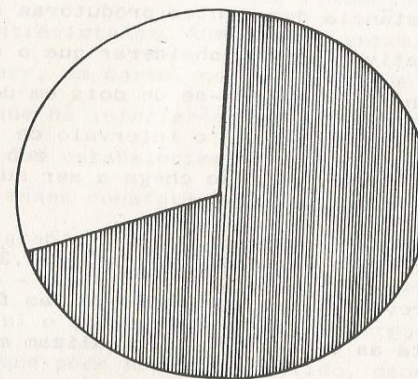
Sobre os produtos ofertados para consumo, foram realizadas entrevistas com a população consumidora para apreender a existência e o modo de formação dos cinturões verdes, assim como sua forma de utilização espacial e suas características, elementos determinantes das condições de abastecimento às necessidades básicas da população.

Sobre o abastecimento de hortigranjeiros, a investigação - dirigida aos comerciantes, gerentes, donos de estabelecimentos especializados em hortigranjeiros e mesmo feirantes - tratou dos produtos ofertados, sua procedência e quantidade, a frequência do abastecimento, a forma de comercialização dos produtos e os preços praticados nos estabelecimentos que estão melhor localizados na cidade. As trinta entrevistas realizadas indicaram o perfil das relações entre zona de produção e zona de consumo, cujo resultado foi o seguinte:

- Os produtos vendidos nos estabelecimentos são oriundos de produção de fora do Município, o que coloca o comércio hortigranjeiro de Santiago diretamente dependente de fontes produtoras externas. A comercialização se faz, porém, dependendo da inexistência do produto ou de seu preço no mercado local. (Gráfico, 1).

- No comércio da cidade, os hortigranjeiros pro-

GRÁFICO 1. Procedência dos hortigranjeiros comercializados semanalmente na cidade de Santiago, RS. Março / 1985.



LEGENDA:

- - CEASA - Porto Alegre, Santa Rosa
- ▨ - SAMRIG - Esteio
- ▩ - Sogemida
- - Intermediários, ambulantes provenientes de áreas vizinhas - Vacaria e Pelotas

Fonte : Pesquisa de campo, março / 1985.

Montagem : Mariú Angela Campagner May.

venientes da Central de Abastecimento do Rio Grande do Sul - CEASA - (localizada na cidade de Porto Alegre) e dos intermediários ambulantes procedentes de áreas próximas perfazem 66,6% do consumo. Essa situação acarreta repasses de custos sobre o preço dos produtos ao consumidor e evidencia a insuficiência de uma significativa parcela da oferta.

- A distância das fontes produtoras revela-se como um fator negativo, ao se considerar que o abastecimento de verduras folheadas realiza-se de dois em dois dias. Para os demais hortigranjeiros, o intervalo de abastecimento é ainda mais longo, porém não chega a ser superior a uma semana.

- Nos estabelecimentos maiores, 33,3% dos comerciantes entrevistados compram direto das fontes, o que lhes facilita as vendas. Assim, realizam melhores compras porque não se sujeitam à ação dos atravessadores.

- O comércio de produtos oriundos da criação doméstica (galinhas, porcos, patos, leite) é ativo nos estabelecimentos comerciais especializados, mas não na Feira Livre Municipal, onde a venda é inexistente. A carne é proveniente dos matadouros particulares, e o mesmo acontece com o leite, que é distribuído por leiteiros da **COR-LAC** (nas marcas **XIRU**, **DOBON** e **ELEGÊ**). Os ovos comercializados são produzidos em granjas localizadas na zona rural.

- Os produtos mais consumidos, variando conforme época, preço e qualidade, são, por ordem de demanda, os seguintes: ovos, batata-inglesa, milho verde, tomate, la-

ranja, banana, maçã, feijão, galinha, cebola. (Gráfico 2).

- Os armazéns limitam-se a vendas de emergência ou a consumidores que dependem de créditos e/ou pequenos convênios para compra. Este fator determina que outros tipos de mercadorias sejam anexadas aos estabelecimentos, como miudezas e bebidas.

- Devido à fraca atuação, a Feira Livre Municipal não interfere nas vendas dos estabelecimentos. Entre os comerciantes entrevistados, 80% pensam assim, e 13% dizem que ela interfere, em parte, nos dias em que atua. Apenas 6,6% declaram que há interferência da Feira no comércio hortigranjeiro dos estabelecimentos.

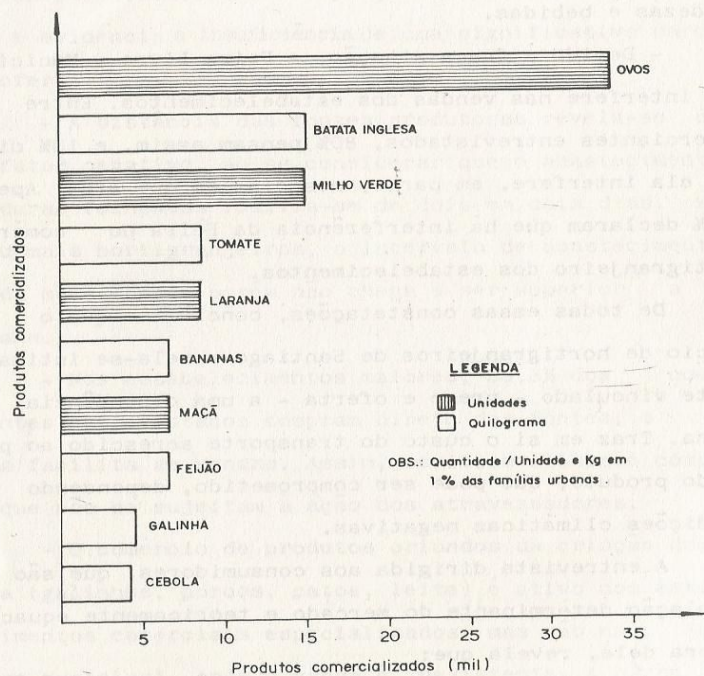
De todas essas constatações, conclui-se que o comércio de hortigranjeiros de Santiago revela-se intimamente vinculado - preço e oferta - a uma dependência externa. Traz em si o custo do transporte acrescido ao preço do produto, que pode ser comprometido, dependendo de condições climáticas negativas.

A entrevista dirigida aos consumidores, que são a população determinante do mercado e teoricamente equacionadora dele, revela que:

- no geral a população realiza seu abastecimento uma ou duas vezes por semana, dando preferência a locais do centro da cidade, como supermercados, feiras e fruteiras;

- dos consumidores do município de Santiago, 42% têm como local de preferência para compras a Cooperativa Regional Tritícola Santiaguense. Esse é, também, local de maior procura devido aos preços e à diversidade de mercadorias. Na Cooperativa, é adquirida grande parcela dos

GRÁFICO 2. Volume da comercialização hortigranjeira realizada semanalmente pelos estabelecimentos na cidade de Santiago, RS. Março/1985.



Fonte : Pesquisa de campo, março/1985.

Montagem: Mariú Angela Campagner May.

produtos que são comercializados em estabelecimentos da cidade; por isso, é a Cooperativa que baliza os preços da oferta e o tipo de hortigranjeiros no mercado local. Nesse caso, a Cooperativa passa a ser responsável pela instabilidade desse comércio no Município;

- a compra dos produtos é realizada em locais próximos das casas (0,22%), com preço mais barato (0,24%);

- a quantidade de produtos adquiridos pela população, em média, é de 1 quilograma, 1 maço, 1 pé, 1 unidade, conforme o produto;

- a maior demanda recai sobre a batata-inglesa, seguida de tomate, cebola, alface, mandioca, milho verde, repolho, cenoura, moranga, maçã, laranja, banana, mamão e ovos.

Na maioria dos casos, não se exige deslocamento do consumidor para realizar seu abastecimento.

Nas entrevistas, 34% dos consumidores acham que o abastecimento é bom, e 10% acham-no insuficiente. Entretanto os consumidores alegam que o comércio (frutepiras, mercados, cooperativas, armazéns) deveria ser abastecido mais vezes por semana, dando à população condições de adquirir frutas e verduras novas e de melhor qualidade. Por outro lado, a falta de poder aquisitivo da população faz com que 48% dos consumidores acreditem na existência (no comércio) de um número suficiente de hortigranjeiros de boa qualidade, porém com preço acima de suas condições financeiras.

Os produtos colocados no mercado compõem-se de verduras e frutas, que abastecem 19% dos entrevistados e não

existentes nas hortas caseiras.

A existência dessas hortas provoca uma diminuição na comercialização dos folheados no comércio local e, conseqüentemente, retração nos estoques dos estabelecimentos.

A presença das hortas caseiras constitui um fator determinante da qualidade e tipo de folheados adquiridos pelo consumidor. Assim, estereotipou-se o hábito da população de comprar apenas o que não produz e manter sua produção no plantio caseiro.

Quanto ao local da Feira Livre Municipal, mais da metade dos consumidores (62%) nunca vão à Feira Livre Municipal, e uma pequena parcela (2%) desconhece seu local. Considerando que o acesso à Feira Livre é fácil, o local é amplo, o preço é acessível e a localização é central, ela é pouco aproveitada pela população.

Com referência às frutas, há um baixo consumo das mesmas, porque a maioria dos consumidores possuem pomares particulares em quintais próprios.

Conforme a época do ano, há o problema da escassez de produtos, provocada pela elevação da demanda. Essa situação, antagônica às leis de desenvolvimento, contraria o curso normal do desenvolvimento urbano e o equilíbrio alimentar da população. Na maioria das vezes, a falta de um abastecimento autogerado revela-se com o fator de escassez. Outras vezes, a conservação das verduras folheadas é dificultada pelas alterações térmicas, enquanto as alterações sazonais dificultam o plantio de certas culturas. Tais alterações passam, assim, a ser fatores de escassez.

A escassez de verduras fora de época não chega a ser significativa, devido à presença das hortas caseiras. Para os frutos regionais - banana-da-terra, mamão, melão e flores - a escassez não se revela significativa para uma percentagem de 18% dos entrevistados. Uma percentagem de 46% diz que falta dinheiro para adquirir o produto, revelando, indiretamente, que os preços estão acima do poder aquisitivo de uma massa da população citadina.

As estações do ano influem diretamente sobre o preço dos produtos e são responsáveis pelos períodos de safra e entres-safra.

A partir das entrevistas, realizadas com 30 comerciantes e 50 consumidores, infere-se que:

- o município de Santiago apresenta um fraco comércio de hortigranjeiros;

- há falta de incentivos à população no que tange à comercialização dos produtos;

- a cidade comporta uma oferta e uma demanda de produtos hortigranjeiros considerada pequena diante das entrevistas efetuadas. A presença de hortas caseiras tem enfraquecido a comercialização de certos hortigranjeiros, diminuindo a procura e, conseqüentemente, afetando o processo comercial;

- nos arredores da cidade ainda não se registra uma zona hortigranjeira, aparecendo apenas alguns estabelecimentos rurais produzindo para a venda;

- os comerciantes entrevistados dizem que: "não há produtos citadinos para comprar, tudo vem de fora". Isso estabelece que o nível de produção caseira de hortigran -

jeiros está, praticamente, voltado para o consumo próprio ou interno, em lugar da venda ou comércio;

- existe na cidade um comércio ambulante, praticado em carroças que vendem leite e derivados, frutas e verduras, produzidos em estabelecimentos próprios e/ou comprados de vizinhos. Esse comércio se realiza a domicílio, beneficiando as donas-de-casa quanto à comodidade em adquirir os produtos;

- o Município produz os folheados (olericultura) consumidos por grande parte de sua população, o que restringe a comercialização global dos hortigranjeiros nos estabelecimentos.

A DIMENSÃO DAS HORTAS

A realização das entrevistas sobre olericultura caseira na cidade de Santiago compreendeu a área do Perímetro Urbano Municipal. O levantamento cobriu uma área de 15 Km² (1500 ha), desprezando-se os espaços cultivados inferiores a 50 m², e determinou uma área de 11,97 ha ocupada com olericultura caseira, correspondendo a 0,80 % do espaço urbano.

Nessa dimensão, existem espaços olerícolas de dimensão mais significativa do que outros, possibilitando a formação de categorias dimensionais das hortas. Assim:

- hortas de grande porte: com mais de 5000m²;
- hortas de médio porte: com dimensões inferiores a 5000 m², mas superiores a 300 m²;

- hortas de pequeno porte: com dimensões variando acima de 50 m², mas inferiores a 300 m².

Constatou-se que, nas hortas de grande porte, o cultivo olerícola, além de ser quantitativamente superior, é mais variado. Nas hortas de médio porte, predominam os folheados representados pelas verduras. Nas hortas de pequeno porte, a produção é determinada também pelos folheados, como alface, couve, radite, repolho e tempero verde, aparecendo, ainda, o tomate, o alho e a cebola.

Outra análise possível, a partir das entrevistas, diz respeito à relação que se pode fazer entre as dimensões das hortas e o seu espaço de localização. Essa relação determina que, nas zonas menos povoadas, nas de fácil acesso rodo-ferroviário, bem como nos loteamentos recentes onde predominam residências próprias, aumenta a incidência das hortas de grande porte. As hortas de pequeno porte, por sua vez, ocorrem, preferencialmente, nas ruas centrais, com alto índice populacional, em terrenos muito urbanizados e residências alugadas.

A distribuição da área olerícola, considerando as categorias grande, médio e pequeno porte, para 128 entrevistas realizadas, apresenta os seguintes resultados:

- As hortas de grande porte ocupam 48,140 m² do espaço urbano, correspondendo a 4,02% do espaço olerícola urbano.

A totalidade da área ocupada com olericultura de grande porte (48,140 m²) está dividida em 7 hortas com dimensão média de 6.877,14 m² por horta.

As características principais das hortas de grande

porte são a diversificação na produção e a quantidade produzida; algumas delas destinam-se ao comércio. Elas estão instaladas, principalmente, em pátios e terrenos baldios e produzem grande variedade de culturas, além do aipim e do milho. Apesar de organizadas, apresentam um sistema de cultivo de características rudimentares, recebendo unicamente irrigação satisfatória.

- As hortas de médio porte ocupam 59.803,49 m² do espaço urbano, correspondendo a 49,96% do espaço olerícola urbano. Nesta categoria foram encontradas 53 hortas, com uma dimensão média de 1.128,37 m² por horta. Esta categoria é a mais significativa em dimensão total de área ocupada, e a segunda em número de hortas existentes. Tem como características principais a destinação exclusivamente familiar e o uso de terrenos próprios, de dimensão média, ou de quintais. Nessas hortas, é possível ocorrer a diversidade de culturas, beneficiando a dieta alimentar.

- As hortas de pequeno porte compreendem 11.750 m² do espaço urbano e correspondem a 9,82% do espaço olerícola urbano. Nesta categoria são encontradas 68 hortas, com uma dimensão média de 172,91 m². Esta é a categoria mais representativa em número: corresponde a 53,2% do total das entrevistas realizadas. A quantidade produzida é pequena, sendo que as culturas são do tipo folheado destinadas a saladas e tempero verde. São produzidas pelos proprietários de pequenos lotes, que procuram aumentar a variedade alimentar e diminuir os custos, demonstrando o sentido sócio-econômico dessas hortas. Elas auxiliam a suprir as necessidades alimentares das famílias, produ-

zindo também o aipim e milho em grande proporção de área, o que, de certa forma, caracteriza-as como hortas de fundo de quintal, com caráter eminentemente doméstico.

A PRODUÇÃO OLERÍCOLA URBANA

Com um espaço de 11,97 ha disponível para o plantio e distribuído entre hortas particulares de diferentes dimensões, é natural que a produção seja quantitativa e qualitativamente variada.

Dos produtos olerícolas que compõem os hortigranjeiros, e aparentes na olericultura urbana de Santiago, existem aqueles que são presentes em grande parte das hortas, com percentuais de ocorrência superiores a 70%, como tempero verde, alface, couve, repolho, abóbora, radite, alho e tomate, segundo a ordem de presença, nas entrevistas realizadas. (Tabela 1).

Outros produtos, como cenoura, rúcula, milho verde, chuchu, beterraba, aipim, manjerona, vagem e pepino, são produtos que aparecem nas hortas, mas com uma participação entre 40% e 70%.

Existem certos produtos, como ervilha, pimentão, morango, abobrinha, rabanete, espinafre, chicória, batata inglesa, funcho, milho-pipoca, pimenta, couve-flor, acelga, agrião, mostarda, nabo, quiabo, escarola, brócolos e berinjela, que ocorrem excepcionalmente, com presença inferior a 40% das hortas visitadas.

TABELA 1: Percentual da distribuição dos produtos em relação às hortas caseiras do perímetro urbano do município de Santiago. Outubro/1985.

Produtos	Quantidade (%)
Tempero verde	91
Alface	88
Cebola	82
Couve	82
Repolho	78
Abóbora	75
Radite	73
Alho	72
Tomate	70
Cenoura	66
Rúcula	65
Milho-verde	64
Chuchu	60
Beterraba	57
Aipim	53
Manjerona	53
Vagem	50
Pepino	47
Ervilha	37
Pimentão	34
Morango	31
Abobrinha	31
Rabanete	29
Espinafre	29
Chicória	28
Batata-inglesa	28
Funcho	27
Milho-pipoca	22
Pimenta	15

A produção olerícola do Município não permite um abastecimento satisfatório mensal, pois, como já foi observado, há hortas desativadas, um número expressivo de hortas com baixo grau de significação (áreas unitárias inferiores a 50 m²) e, com dimensões significativas, apenas poucas hortas caseiras.

A locação preferencial para a produção olerícola são os pátios (fundo de quintal), aparecendo hortas, também, em terrenos baldios ou desocupados.

A preferência pela locação em pátios deve-se à disponibilidade de área e à facilidade de contato com a horta.

O uso de terrenos baldios deve-se a uma opção de importância, porquanto a utilização dos mesmos com horta é executada por terceiros.

A análise sobre tecnologia e capital aplicado determinou que é utilizado sistema tradicional de plantio direto com canteiros e sem uso de capital.

As áreas que possuem hortas apresentam características gerais muito semelhantes. Por exemplo: no setor norte da cidade, o loteamento Carlos Humberto, a Vila Rica e a Vila Norte; no setor sul, o Bairro Maria Gomes.

O nível médio das populações observadas nessas zonas é de classe inferior A, segundo a classificação de FERNANDES (1967:220). As populações cultivam pequenas hortas sobre áreas de loteamento recentes, nos quais estão estabelecidas há pouco tempo.

Nas zonas do Alto da Boa Vista e da Vila Belizário e nos loteamentos Vicente Blanco e João Dorneles, locali-

zados no setor sul, apresentam-se características semelhantes às das zonas Jardim América, localizada no setor Norte. As características que lhe são comuns referem-se à situação periférica, em relação ao centro urbano, e ao sistema viário de comunicação com a BR-287 e com a Estrada de Ferro. As hortas situadas nessas zonas têm como destino a subsistência e a comercialização, encontrando, na facilidade do transporte, um estímulo à circulação da produção.

Os loteamentos Heitor Lopes, Santiago Pompeu e Vila DAER, localizados, respectivamente, nos setores leste, centro-oeste e norte, guardam semelhanças, em seus caracteres espaciais, com as olerícolas situadas no extremo norte da cidade, na rua Mário Martineto. Nessas zonas, predominam populações de classe inferior C (FERNANDES, 1967). As hortas são pequenas e aproveitam intensivamente os terrenos baldios.

Entretanto os loteamentos Domingos Crivelaro, Vila Itú e Vila Nicola, localizados no setor oeste e leste, guardam semelhanças com a Vila São Vicente, do setor oeste. Nessas áreas, há uma heterogeneidade de caracteres, relacionada com a posição sócio-econômica de sua população.

CARACTERÍSTICAS DA ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA OLERICULTURA URBANA

A análise sobre os resultados obtidos nas entrevistas realizadas mostra algumas características espaciais

da olericultura desenvolvida pela população urbana, advindas de seus aspectos sócio-econômicos e de suas atividades.

Da totalidade da questão, sob o ponto de vista econômico, 15,25% dos entrevistados comercializam sua produção diretamente com particulares que procuram o produto na horta. Um percentual de 84,75%, por outro lado, possui horta para abastecimento próprio, praticando doações para vizinhos e/ou distribuindo o produto entre os amigos.

Dessa maneira, as análises demonstram que a existência de hortas, além de diminuir as despesas alimentares da família, serve para manter viva a amizade e a ligação entre pessoas, por ser "usada para obsequiar os amigos", segundo palavras de grande parte dos entrevistados.

Dos 128 entrevistados, todos plantam na primavera e reconhecem ser esse o período de maior produção. Assim, a primavera é o período da safra da olericultura.

Algumas hortas recebem plantio de inverno e verão, mas a grande ausência de plantio ocorre no outono, descaracterizando-se a perenidade das hortas caseiras.

Em muitos casos, há perda de produção por excesso de colheita. Nesses casos, os produtos são consumidos pelos animais ou servem para a extração de sementes para o próximo ano.

A baixa produção no verão é explicada, segundo os entrevistados, devido à água. Para muitos, "é mais vantajoso comprar o produto fora do que pagar excesso d'água à CORSAN".

Entre as vantagens de produção particular de olerícolas, a questão financeira e a economia familiar foram as razões mais enfatizadas pelos entrevistados. Uma percentagem pequena considera a saúde um fator importante, e a horta possibilitaria verduras frescas à mesa. Alguns consideram a existência de área ociosa, evidenciando noções de racionalidade do aproveitamento espacial.

Um pequeno número de entrevistados consideraram a contaminação dos alimentos com agrotóxicos como responsável pelo desenvolvimento de hortas próprias.

Dos entrevistados, 3,38% plantam por lazer ("hobby"); entre esses, a grande maioria são pessoas de idade avançada, que têm na horta uma ocupação de vida.

Outro aspecto da análise relaciona a existência das hortas com a condição do morador. A existência de hortas caseiras em residências próprias corresponde a 84,07%; em casas de aluguel, a 15,93%. Esta análise demonstra que, em se tratando de casas alugadas, há uma diminuição ou desequilíbrio no desenvolvimento de hortas caseiras, pois, mesmo que, nesse tipo de residência, existam pátios de dimensões suficientes para uma produção olerícola, dificilmente isso acontece.

A distribuição e caracterização espacial da olericultura urbana apresenta grupos concentrados sobre a malha urbana, podendo-se reconhecer a existência de quatro setores e sete zonas de concentração:

- O setor norte ocupa as imediações do Jardim América e acompanha as vias que dão acesso à BR-287. Encontra-se nele um grande número de hortas consideradas de

grande porte e cujas dimensões são superiores a 5.000m². A dimensão das hortas está relacionada com a disponibilidade de terrenos existentes nesse setor, o que permite que o número de hortas seja superior ao número de famílias existentes. Cultiva-se sobre terrenos baldios, sem ônus ou obrigações da parte do proprietário e de quem utiliza a terra.

- No setor leste, que abriga a Vila São Jorge e a Vila Gaspar Dutra, próxima ao Décimo Nono Grupo de Artilharia de Campanha (19ºGAC), encontram-se hortas de fundo de quintal e de terrenos baldios. A maior concentração limita-se com a área do 19ºGAC. No próprio 19ºGAC existe uma horta de grande porte destinada ao abastecimento interno. A dimensão das hortas nesse setor é variada, apresentando-se hortas de porte grande (5000m²), médio (300 a 5000 m²) e pequeno (50 - 300 m²).

- No setor sul, compreendendo o Bairro Mário Gomes, registra-se a presença de hortas de alta produtividade. O Bairro apresenta os caracteres do processo de urbanização moderna com construções recentes. Próximo aos limites do Perímetro Urbano, ocorrem chácaras e/ou sítios de moradia própria e permanente, nos quais facilmente se desenvolvem as atividades olerícolas.

- No setor sul, no Alto da Boa Vista, com facilidade de comunicação através do acesso secundário para a diagonal trigo-soja (BR-287), ocorrem hortas de grande porte (+ 5000 m²); entretanto são as hortas de médio porte (300 a 5000 m²) as que predominam. A distribuição espacial da olericultura, nessa zona, ocorre ao longo da Rua

Alceu Carvalho, com média de uma horta por quadra.

Não há ocorrência de hortas junto às populações de baixa renda. Infere-se que, por residirem em espaços alugados e pequenos e possuírem baixo nível sócio-cultural, não se sintam motivado para tal atividade.

A existência de uma ocupação espacial homogênea e a facilidade de acesso viário contribuem para que muitos produtores se tornem comerciantes no local da horta e/ou junto à Feira Livre Municipal.

Em algumas áreas, ocorrem situações que impedem o desenvolvimento da olericultura, como a presença de terrenos pedregosos, a falta de água para irrigação no verão, a existência de subestação rebaixadora da Companhia Estadual de Energia Elétrica - CEEE - e a baixa densidade populacional.

- No setor sul, o grande número de hortas existentes corresponde à olericultura de pequeno porte (50 - 300 m²), desenvolvida sobre áreas próximas de loteamentos recentes. Nas zonas compreendidas pelo loteamento João Dorneles e Vila Belizário, ocorrem duas olerícolas consideradas modelo. Elas contam com a organização de pessoas de nível técnico superior em práticas agrícolas.

- A área formada pela zona Vila São Vicente, localizada no setor oeste da área urbana e próxima à estação ferroviária, apresenta elevado número de hortas de pequeno porte (50-300 m²). O destino da produção está orientado para o consumo das famílias que vivem na área.

Entre os espaços ocupados com olericultura no perímetro urbano e em áreas subjacentes às dos Setores e Zo-

nas, merecem referência, pelo seu papel físico e sócio-econômico, as hortas das escolas de ensino médio, do prédio municipal e da unidade da Fundação do Bem-Estar do Menor - FEBEM. Essas hortas têm como finalidade o abastecimento próprio e a congregação de pessoas num serviço comunitário.

- No centro da área urbana da cidade de Santiago, também ocorrem hortas. A delimitação dessa área é batizada pelas ruas Gaspar Martins, Dr. Rivota e Rede Ferroviária Federal e tem como marco a estação ferroviária e as ruas Barão do Ladário e Neri Gomes Peixoto até a altura do Quartel da Brigada Militar. Nesse espaço, distribui-se uma olericultura de médio e pequeno porte (de 50-5000 m²) e de caráter comercial, contrariando a idéia de que a presença de componentes de infra-estrutura, como canalização pluvial e rede de água e esgoto, concentradas no core urbano, normalmente inviabilizam a produção olerícola no espaço central da cidade.

CONCLUSÃO

O uso de técnicas de investigação direta permitiu detectar a existência de condições que estariam determinando uma ocupação racional do espaço urbano, ao inter-relações cidade-campo.

O emprego da investigação direta - entrevistas possibilitou não só estabelecer o perfil das relações entre produção, comércio e consumo de hortigranjeiros em cida-

des de pequeno porte, como também determinar as características espaciais da olericultura caseira no Perímetro Urbano.

A realização de entrevistas na caracterização, especialmente, da olericultura caseira ocorreu, coincidentemente, em período de primavera, a melhor época do ano para o desenvolvimento das hortas, o que possibilitou identificar o plantio de certos tipos de olerícolas diretamente às condições climáticas existentes.

A presença do processo agrícola no meio urbano ocorre devido à disponibilidade de fatores como terra (espaço ocioso), tempo e economia dos recursos financeiros. Esses fatores sofrem a interferência direta das relações entre a zona de consumo (população urbana) e a zona produtora (fora da área). O resultado final seriam as hortas caseiras. Porém não se pode esquecer que a distribuição espacial das hortas caseiras que, destinadas ao comércio, ocupam os terrenos baldios de terceiros, é também um demonstrativo do choque social na área urbana, pois a presença de agricultores na cidade, embora instalados na periferia, conflita com as finalidades urbanas.

Tais relações são responsáveis pela origem de pequenas e médias hortas dedicadas ao comércio de seus produtos diretamente no local de produção.

Não havendo, na cidade, um cinturão verde definido, a exemplo de cidades de porte médio e grande, Santiago desenvolve em torno de si uma área destinada à produção de hortigranjeiros, visando atender à demanda urbana. Isso faz

com que o Perímetro Urbano (espaço de atividades urbanas por excelência) se determine, também, por atividades olerícolas incorporadas às atividades urbanas, num "continuum" do processo relação cidade-campo.

Por outro lado, quando se analisa a origem dos produtos nos estabelecimentos comerciais (quitandas, fruteparas, supermercados, cooperativas e outros), nota-se que são oriundos de outras localidades, vindos de grandes centros urbanos, localizados a distâncias consideráveis.

Situações dessa ordem determinam um perfil do comércio hortigranjeiro pouco fiel à realidade, por não incluir nas análises a influência do **comércio direto na horta.**

O baixo número de feirantes participantes da feira-livre municipal liga-se diretamente ao auto-abastecimento e ao **comércio direto na horta.**

Deve-se também considerar, em muitos casos, que a existência das hortas caseiras responde ao fator **distância** dos mercados de venda do produto ou às dificuldades de acesso, revelando que a condição sócio-econômico-cultural é fator determinante da existência de hortas caseiras. O grau da condição cultural, o nível de vida, a renda per capita e o tamanho da família têm relação com a existência das hortas.

Famílias pouco numerosas, com certo nível cultural, possuidoras de um razoável poder aquisitivo e vivendo sob condições de conforto e bem-estar, são as que, no geral, cultivam seus terrenos para consumo próprio.

Em termos de ocupação do espaço, as hortas caseiras

são numericamente pequenas. Elas representam uma parcela ínfima da área perimetral (7,88%). Considerando sua distribuição espacial, as hortas caseiras da zona urbana do município de Santiago apresentam-se como **pontos da concentração olerícola.**

Os **pontos da concentração** identificados mostram a distribuição heterogênea que as hortas assumem no espaço urbano de Santiago. (Figura 1)

A distribuição heterogênea dos **pontos** da concentração olerícola caracteriza 5 setores do espaço urbano, que ocupam um percentual de 0,80% da área urbana no perímetro da cidade de Santiago. Segundo os Setores, a distribuição da olericultura pode ser determinada:

Setor NORTE

- zona do Jardim América, com 20 hortas concentradas nas proximidades do trevo da BR-287, cultivando $32.330,50\text{m}^2$, que correspondem a 27,009% da área olerícola urbana total.

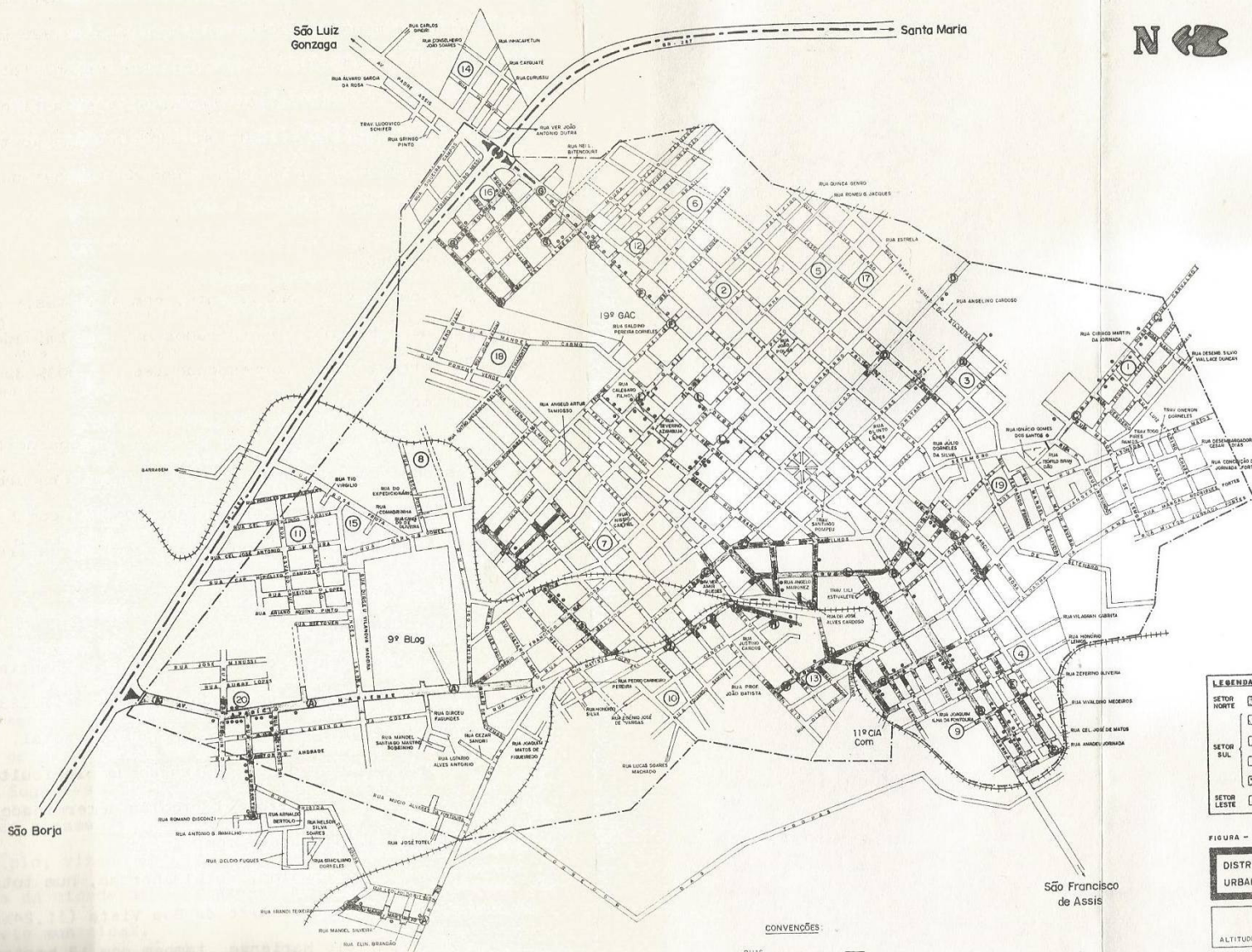
Setor SUL

- zona da Vila Belizário: apresenta 26 hortas, que ocupam 14.935m^2 , correspondendo a 12,477% da área hortícola total.

- zona Alto da Boa Vista: contém 13 hortas e ocupa $13.449,99\text{m}^2$, equivalendo a 11,236% da área olerícola urbana.

- zona do Bairro Mário Gomes: apresenta 7 hortas e ocupa uma área de 18.720m^2 , equivalente a 15,639% da área horticultora total.

- zona de loteamento João Dornelles: apresenta 2 hortas, que ocupam uma área de 225m^2 , correspondendo a 0,188% da área hortícola total.



- | | |
|---------------------------|---------------------------|
| 1 ALTO DA BOA VISTA | 11 VILA RICA |
| 2 BAIRRO LULU GÊNRO | 12 VILA SÃO JORGE |
| 3 BAIRRO MARIA A GOMES | 13 VILA SÃO VICENTE |
| 4 LOT. JOÃO E DORNELES | 14 VILA LESTE |
| 5 LOT. DOMINGOS CRIVELARO | 15 VILA NORTE |
| 6 LOT. HEITOR LOPES | 16 VILA GASPAR DUTRA |
| 7 LOT. SANTIAGO POMPEU | 17 VILA NICOLA |
| 8 LOT. CARLOS HUMBERTO | 18 VILA DAER |
| 9 VILA BELUZÁRIO | 19 LOT. VICENTE G. BLANCO |
| 10 VILA ITU | 20 JARDIM AMÉRICA |

LEGENDA			
SETOR NORTE	(14) ZONA - JARDIM AMÉRICA	SETOR LESTE	(16) ZONA - VILA GASPAR DUTRA
(10) ZONA - VILA BELUZÁRIO	(11) ZONA - VILA SÃO VICENTE	(17) ZONA - VILA NICOLA	(18) ZONA - VILA DAER
SETOR SUL	(1) ZONA - ALTO DA BOA VISTA	SETOR OESTE	(4) ZONA - LOTEAMENTO SANTIAGO POMPEU
(2) ZONA - BAIRRO MARIA A. GOMES	(3) ZONA - LOTEAMENTO SANTIAGO POMPEU	SETOR CENTRAL	(13) ZONA - CENTRO I (SANTO ANTONIO)
SETOR LESTE	(7) ZONA - VILA SÃO JORGE		

FIGURA - 1
DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS HORTAS CASEIRAS DO PERÍMETRO URBANO NA CIDADE DE SANTIAGO - RS. Área: 15 Km

SANTIAGO - RS.
 ALTITUDE: 439 m LONGITUDE: 29° 09' 50" ALTITUDE: 52° 51' 32"

RESPONSABILIDADE:
 GEORGIATO MARILU ANGELA EXPANHIM MAY - CREA 118/308-D

DATA: MAIO / 1988 ESCALA: 1:10.000 SCS.TEC: Edic. Martins

CONVENÇÕES:
 RUAS: ————
 PROLONGAMENTOS: - - - - -
 REFFSA: + + + + +
 DEL PERÍMETRO URBANO: ————
 PONTES E PORTILHÃO: ————

Setor LESTE

- zona da Vila São Jorge, com 10 hortas concentradas nas proximidades do 19º GAC, ocupando 2.938 m² e correspondendo a 2,454% da área olerícola urbana total.

- zona da Vila Gaspar Dutra: apresenta 11 hortas, porém ocupa 13.235 m² e está situada próxima ao trevo da Av. Padre Assis com a BR-287, ocupando 11,057% da área horticulora urbana.

Setor OESTE

- zona da Vila São Vicente, com 4 hortas, ocupando uma área de 3.595 m², concentrados nas proximidades da estação ferroviária e correspondentes a 3,003% da área horticulora total.

- zona da Vila Itu, com 2 hortas, ocupando 2.700 m² e correspondendo a 2,256% da área horticulora urbana.

- zona do loteamento Santiago Pompeu, com 5 hortas, ocupando 5.335 m², correspondentes a 4,457% da área horticulora urbana.

Setor CENTRAL

- zona da área do centro da cidade de Santiago, com um número de 28 hortas, ocupando uma área de 12.238 m² e correspondendo a 10,224% da área horticulora total.

Além dos pontos da concentração da olericultura urbana, encontram-se os eixos olerícolas determinados pelas ruas de maior significação, como:

- Rua Alceu Carvalho, com 13 hortas, num total de 13.449,99 m², situada no Alto da Boa Vista (11,24%);

- Rua Aparício Mariense, também com 13 hortas, porém

ocupando 13.443,50 m², situada no Jardim América(11,23%);

- Rua Pinheiro Machado, totalizando 12 hortas e ocupando 3.152 m², situada nas proximidades do loteamento João Dornelles, Vila São Jorge e Vila Gaspar Dutra(2,63%);

- Rua Oswaldo Aranha, com 8 hortas, num total de 6.705 m² (5,60%), próximas da Vila Belizário e loteamento João Dornelles;

- Rua 13 de Maio, com 7 hortas, ocupando 3.300m² da área central (2,76%);

- Rua Barão do Rio Branco, com 6 hortas, perfazendo 4.398 m² da área central (3,67%);

- Rua José Calegari Filho, com 5 hortas e 820 m², localizada no centro (0,69%);

- Rua 20 de Setembro, finalmente, com 4 hortas, num total de 6.200 m², localizada no bairro Maria A. Gomes (5,18%).

Em referência aos objetivos deste trabalho, a caracterização das hortas caseiras demonstra que as hortas urbanas são, efetivamente, representativas da atividade hortigranjeira no Município: porque geram transformações que alteram o comércio e sua disposição; porque modificam as relações de oferta e procura e porque caracterizam os tipos de mercadorias no comércio hortigranjeiro local.

Sugere-se que a Administração Municipal dê especial atenção a essa atividade da vida urbana e comunitária do Município, visando propor mudanças na estrutura física urbana da cidade de Santiago e nas formas de relações do comércio municipal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUJEAU-GARNIER, J. & CHABOT, G. Tratado de geografia urbana. Barcelona, Vicens-Vives, 1970. p.120-489.

FERNANDES, Ávila de Bastos. Introdução à sociologia. 3ªed. Livrarias Agir Editora, Rio de Janeiro , 1967 . p.218-223.

VOLPI, Júlio Cesar. O abastecimento de produtos horti-granjeiros na região metropolitana de Porto Alegre. Porto Alegre, Metroplan. 1980. Dissertação de Mestrado.